

RESENHA

IANNI, Octavio A *Sociologia e o Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, 399 p.

Da sociologia do mundo moderno à sociologia da globalização

ALEX SANDER PEREIRA REGIS*



Em 2014 completa-se 10 anos da morte de Octávio Ianni (1926-2004), uma perda significativa para o pensamento social e crítico brasileiro que deixou um legado expressivo para as Ciências Sociais não apenas brasileira como da América Latina e mundial, especialmente por suas análises e teorias sobre a globalização. As diversas homenagens e registros sobre sua perda (SERÁFICO; 2004, MEUCCI; 2004, PORTO; 2005) bem indicam, de um lado, sua importância teórica para pensar o Brasil e, de outro, o que já registrava ORTIZ (2002), a sua relevante contribuição para formação de cientistas sociais brasileira, o que lhe reserva um lugar de relevo na história das Ciências Sociais brasileiras, aspecto inclusive pouco sublinhado até o momento, como bem registra Élide Rugai Bastos (2014).

Em um cenário de convergências de crises em âmbito mundial, compreendendo crise fiscal, política, econômica, social e financeira, todas de alguma maneira vinculadas aos movimentos do capital no quadro da globalização do capitalismo, a sociologia é desafiada a renovar-se teórica, metodológica e epistemologicamente para apreender as mudanças em curso; suas raízes

históricas, implicações presentes e tendências que tendem a configurar o devir do mundo.

Sociologia e o mundo moderno de Octávio Ianni, uma síntese de seu estilo de pensamento publicada postumamente, certamente representa um esforço intelectual sistemático empreendido durante sua trajetória para compreender os processos históricos sociais que conformaram o mundo moderno desde meados do século XIX e seus múltiplos desenvolvimentos expressos contemporaneamente nas crises acima assinaladas. Tal esforço se traduziu como bem indica as temáticas do livro em pauta, num empenho sempre renovado de repensar teorias, metodologias e epistemologias. Daí as diversas problematizações teórico-metodológicas em torno do funcionalismo, teoria sistêmica, dialética, etnometodologia, fenomenologia, individualismo metodológico entre outros que nos seus últimos livros, especialmente em sua trilogia sobre globalização (*A sociedade global*, de 1992. *Teorias da Globalização*, 1995 *A era do globalismo*, de 1996) aparecem em uma síntese sofisticada e multidisciplinar (sociologia da globalização) para apurar as relações, processos e

estruturas que delineiam os movimentos e contradições de uma totalidade emergente: a modernidade-mundo e sua sociedade global que “constituem, movem, tensionam, integram e rompem as nações e as nacionalidades, os povos e as raças, as regiões e as línguas, as fronteiras e as cartografias, as culturas e as civilizações” (p.276).

Autor de dezenas de livros, o aluno de Florestan Fernandes escreveu livros que se tornaram-se clássicos nas Ciências sociais brasileiras, entre os quais destacam-se *Metamorfoses do escravo*, de 1962, e *O colapso do populismo no Brasil*, de 1968. Em seu esforço de renovar criticamente as ciências sociais, *Sociologia e o mundo moderno*, vem coroar postumamente seu empreendimento teórico-metodológico com contribuições significativas para se compreender e interpretar não só os temas e problemas da modernidade, mas simetricamente aqueles relacionados a modernidade-mundo ou globalismo com suas crises e contradições. Sim! Se a sociologia nasceu com o mundo moderno, como bem enfatiza Ianni, poderíamos igualmente afirmar que ela renasce e atualiza-se com a modernidade-mundo; com a renovação dos processos e estruturas que caracterizam o capitalismo contemporâneo.

Mais especificamente sobre o livro, trata-se de um conjunto de ensaios, estudos e artigos muitos dos quais já publicados em revistas e apresentado em congressos, mas que foram revisados e sequenciados lógica e historicamente para fornecer um contributo não apenas para a história da sociologia e as construções teórica-metodológicas que surgiram como resposta as transformações do mundo moderno. O livro oferece igualmente uma aguda problematização das

condições históricas que vivenciamos atualmente; mobiliza a geografia, a filosofia, a antropologia, a ciência política e outras disciplinas das ciências sociais – tal como o artista escolhe as tonalidades para sua obra de arte - para mapear, refletir e decodificar criticamente os temas e problemas caracterizam o “mundo da vida” e que fomentam as condições e possibilidades da “explicação, compreensão e revelação” que se colocam em termos epistemológicos.

“Seria no mínimo empobrecedor tentar realizar uma síntese dos 16 capítulos que compõem a coletânea “I A formação da sociologia”, “II A tentativa metodológica”, “III Problemas de explicação”, “IV A unidade das ciências”, “V Positivismo e dialética”, “VI Razão e história”, “VII Dialética e ciências sociais”, “VIII Ciência e arte”, “IX Sociologia e história”, “X A vocação política das ciências sociais”, “XI O novo mapa do mundo”, “XII A política mudou de lugar”, “XIII As ciências sociais e a sociedade mundial”, “XIV A internacionalização da sociologia”, “XV Formas sociais do tempo”, “XVI Estilo de pensamento” e “XVII Perspectiva da história”.

No entanto, vale aqui pontuar sucintamente algumas problematizações e esclarecimentos que Ianni nos oferece sobre a conjuntura contemporânea, mesmo depois de 10 anos do fim de suas atividades intelectuais. Atividades traduzidas em um esforço sistemático de conceber e integrar teoria, metodologia e epistemologia como processos de uma mesma dinâmica, como partes integradas do fazer científico que se cria e recria continuamente através da atividade e pensamento crítico da sociologia diante das “relações, processos e estruturas” que conformam a realidade e colocam o

sociólogo em estado de vigilância na realização de seu ofício.

Um contexto marcado por crises dos EUA à Europa, passando pelo Oriente Médio e Brasil e traduzidos em ebulições e revoltas políticas como Primavera Árabe, *Occupy*, Indignados, Jornadas de junho e Black Bloc etc., demanda um posicionamento crítico por parte do cientista social, daí que sua pesquisa (X A vocação política das ciências sociais) sobre o presente não pode prescindir de um posicionamento político, afinal, como sugere Ianni a ciência social é um técnica de poder e suas pesquisas podem estar inspiradas “seja pela conveniência de preservar o *status quo* político-econômico, seja pelo interesse em modificá-lo”. Sendo a pesquisa parte “importante do processo de produção cultural”, cujo produto passa a ser parte “da realidade social como pensamento e prática” o autor deixa claro que o ato da pesquisa em tempos de crise vai invariavelmente tender para manutenção das estruturas de dominação ou para” mudar, romper ou refazer relações e estruturas de dominação”.

As respostas sociais expressas em termos de levantes e resistências face as crises políticas vigentes, especialmente a crise da democracia representativa, indicam uma efervescência global que ultrapassa o território, o Estado-Nação ou nacionalismo, coloca-se no âmbito do globalismo, tal como sugerido por Ianni (XI O novo mapa do mundo). É nesse espaço global constituído pelo capitalismo mundial, enquanto modo de produção e processo civilizatório, que se realizam num pano de fundo comum as lutas e resistências contra-hegemônicas face à globalização pelo alto operada por poderosas estruturas mundiais de poder, a exemplo das grandes corporações transnacionais e

organizações multilaterais, principais dinamizadores do neoliberalismo.

Estando restritas as condições de hegemonia e soberania do Estado-Nação as condições e possibilidades de lutas sociais se alteram radicalmente e, por consequência, a política redefini-se no âmbito do globalismo (XII A política mudou de lugar). Nessa nova ordem global com seus novos atores e suas contradições, as classes sociais, os partidos políticos, o sindicato e os movimentos sociais entram em crise e são obrigados a mudar radicalmente seus quadros de referência política, precisamente o que ocorre em várias parte do mundo atualmente. A respeito da “reterritorialização” da política Ianni assinala que as categorias da ciência política perdem a vigência e a realidade global torna-se carente de categorias interpretativas. As ciências sociais defrontam-se com problemas e crises profundas para serem equacionadas em termos de compreensão e interpretação, dando como exemplo a crise do princípio da soberania nacional (a atuação da Troika na Europa explicita essa crise) e hiato crescente entre sociedade civil e Estado onde este “parece estar crescentemente determinado pelo jogo das forças sociais que operam em escala transnacional”, ao passo que, a sociedade civil não encontra ressonância representativa no Estado e não vê em suas escolhas políticas o atendimento de suas necessidades sociais. Em ambos os casos, o autor assinala que é “evidente a presença de injunções ‘externas’, isto é, das corporações transnacionais e das organizações multilaterais, cuja diretrizes em geral conjugam-se”. Se vivo estivesse Octávio Ianni certamente oferecia sugestões e análises extremamente importantes para a conjuntura atual, assim como

vislumbrou com precisão o deslocamento radical da política. “Ainda que se continue a pensar e agir em termos de soberania e hegemonia, ou democracia e cidadania, tanto que nacionalismo e Estado-nação, modificam-se radicalmente as condições “clássicas” dessas categorias, no que se refere às suas significações práticas e teóricas (p.228)

É assim que a novidade dos eventos contemporâneos, com suas crises e rupturas, deve igualmente lançar as ciências sociais em sua renovação para apanhar teoricamente as mudanças da sociedade global em constituição, esta é a mensagem oferecida no capítulo (XIII As ciências sociais e a sociedade mundial). É no curso das mudanças históricas e epistemológicas que “todas as formas de pensamento estão sendo desafiadas pela ruptura histórica em curso”. Talvez os levantes e lutas realizadas em várias partes do mundo nos últimos anos sejam não apenas um indicativo da renovação da política e da democracia, mas igualmente apontam para os desenvolvimentos e os impasses da modernidade. Um momento de ruptura histórica onde conceitos tais como “mercantilismo”, “colonialismo” e “imperialismo”, além de “nacionalismo” e “tribalismo”, são redefinidos face à emergência do “globalismo”, como nova e abrangente categoria histórica e lógica.

Aí está o valor do presente livro. Em um cenário em que proliferam micronarrativas e análises de desconstrução pós-moderna que só vê fragmentos de uma história presentificada, um livro que se dispõe a apanhar o movimento da história em suas tendências que lhe conferem sentido, se distingue imediatamente. Contra uma visão fragmentada e empobrecida do real, Ianni sempre

adotou o ponto de vista da totalidade, o que não significa anular o cotidiano e os sujeitos da análise, mas inscrevê-los nas dinâmicas culturais, políticas e econômicas de seu tempo histórico. Ganha, portanto, um lugar privilegiado em um mundo com déficit explicativo onde predomina a monotonia do economicismo (que exalta o “Deus” mercado) como elemento explicativo das crises e não como causa e expressão das mesmas. *A Sociologia e Mundo Moderno* talvez represente um sopro crítico que reencanta jovens pesquisadores, funcionando como um despertador de “vocações científicas” (MEUCCI, 2004), para o desafio de pensar a complexidade da modernidade-mundo ou globalismo em sua historicidade, conformada certamente por crises derivadas das relações de dominação política e expropriação econômica, mas com horizonte sempre aberto para a realização de lutas e resistências que se orientam pela utopia de um mundo mais justo e democrático.

Sociologia e o mundo moderno, além do que foi apresentado nesta resenha que privilegiou suas contribuições sobre a globalização como “objeto em movimento”, oferecerá aos demais leitores interessados na leitura do livro um registro objetivo da história da sociologia, indo dos clássicos aos contemporâneos, enfatizando a singularidade de suas escolas e paradigmas, os principais temas abordados e as principais controvérsias teóricas e epistemológicas que podem representar ao longo da história, a “autoconsciência científica da realidade social”. Por conta dessa contribuição inestimável para compreensão do mundo moderno e contemporâneo, *Sociologia e o Mundo moderno* certamente se tornará leitura obrigatória para o cultivo da “imaginação sociológica” e desbloqueio da

“burocratização do pensamento” nas ciências sociais e demais áreas interessadas na compreensão dos impasses e crises que caracterizam o mundo contemporâneo.

Referências

BASTOS, Élide Rugai. Pensamento social brasileiro e na Amazônia: construção em processo. Aula Inaugural do PPGSCA/UFAM, 19.03.2014.

IANNI, Octávio. A sociologia e o mundo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, 406p.

MEUCCI, Simone. In Memorian: Homenagem a Octávio Ianni (1926-2004). Campos 5(1):201-210, 2004.

PORTO, Maria S. G. Falecimento de Octávio Ianni: a sociologia perde um mestre. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jun/dez 2005, p. 504-508.

SERÁFICO, Marcelo. Homenagem ao Professor Octávio Ianni – Lições de artesanato intelectual: a herança do mestre. Sociologias, ano 8, nº11, jan/jul 2004.

Recebido em 2014-04-28
Publicado em 2014-06-13



* **ALEX SANDER PEREIRA REGIS** é Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM. Desenvolve atividades de pesquisa no Núcleo de sócioeconomia da mesma universidade (NUSEC).